

# Um furo no guarda-chuva, ou I will survive<sup>1</sup>

Eduardo de São Thiago Martins,<sup>2</sup> São Paulo

Resumo: O autor se baseia na ideia de que forjamos a cultura que nos forja. Com uma abordagem crítica, histórica e epistemológica, e partindo de uma atitude clínica perante a vida cotidiana e a escuta dos gritos da cultura contemporânea, busca qual seria a contribuição metapsicológica realmente significativa para as atuais discussões acerca da identidade, do gênero, e sobretudo das transidentidades. No mesmo vetor, explora como essas discussões interpelam o psicanalista em seus dispositivos teórico e clínico, e em seu posicionamento ético perante o sujeito engendrado pela própria cultura psicanalítica – o sujeito psicanalítico. Desse modo, privilegia o sexual enquanto qualitativo da noção de pulsão, entendida como lâmina capaz de deslocar a dicotomia cultura-natureza para além do paradigma naturalista inaugurado no século 19, convocando a psicanálise – enquanto ciência apoiada em tal paradigma – a se deitar em seu próprio divã e a lidar com o sexual em si e com o campo político do qual participa.

Palavras-chave: sexual, gênero, cultura psicanalítica, política, identidade

## Nós forjamos a cultura que nos forja

O ano é 2019. Numa estação climática com poucos atrativos para um menino de 5 anos, em meio aos tons de verde das matas, um pequeno parque de diversões é inaugurado para a temporada invernal. O brinquedo que mais o interessa é um trilho circular em que carrinhos ficam em translação por alguns minutos. Monótonos minutos. O brinquedo é extremamente lento. Mas o que chama sua atenção não é o movimento dos carrinhos, e sim suas cores vibrantes. Cada criança poderia escolher o carrinho que quisesse, pela cor. Azul, verde, amarelo, branco, marrom, vermelho, roxo e rosa. Ele escolhe o carrinho rosa, ao que sua mãe, envergonhada frente aos demais pais que estavam na fila, prontamente retruca em alto e bom som: “O rosa não! Qualquer um, menos o rosa. Você não é menina”. O ano era 2019. É 2025. Foi 1905. “Sabe-se que apenas com a puberdade se estabelece a nítida separação entre caracteres masculinos e femininos, um contraste que *passa a influir decisivamente, mais*

1 Texto vencedor do Prêmio Revista Brasileira de Psicanálise, conferido durante o 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado de 22 a 25 de outubro de 2025.

2 Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

que qualquer outro, no modo como se configura a vida das pessoas” (Freud, 1905/2016, p. 138, grifo meu).

No início de sua carreira científica, Freud foi incumbido de se debruçar sobre os mistérios da reprodução das enguias e de buscar, pela via da dissecação, seus órgãos genitais. Sem sucesso. Anos mais tarde, no terceiro dos *Três ensaios para uma teoria sexual* (1905/2016), em uma longa nota de rodapé acrescentada em 1915, ele decompõe o teor de masculino e feminino em três sentidos: o psíquico (atividade/passividade), o biológico e o sociológico:

É indispensável compreendermos que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo teor parece tão inequívoco para a opinião geral, estão entre os mais confusos da ciência. ... No caso do ser humano, nem no sentido psicológico nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminilidade. Cada pessoa apresenta, isto sim, uma mescla de características biológicas do seu sexo com traços biológicos do outro sexo, e uma combinação de atividade e passividade, tanto na medida em que esses traços de caráter psíquicos dependam dos biológicos como em que sejam independentes. (p. 139)

A teoria da bissexualidade atravessa a obra freudiana de cabo a rabo, e se seguirmos seu pensamento nessa citação, frente ao borramento das noções de feminino e masculino nos âmbitos biológico e psíquico (atividade/passividade), poderemos concluir que designações precisas e delimitadas para tais noções partiriam unicamente do âmbito sociológico – a cultura. Em outra longa nota de rodapé em *O mal-estar na cultura* (1930/2010), o autor reafirma as ideias de 1905/1915 e acrescenta haver não apenas um borramento *entre* os teores de masculino e feminino, mas também *nos* próprios teores:

A oposição dos sexos empalidece ante aquela entre atividade e passividade, na qual identificamos precipitadamente a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade, o que de maneira nenhuma se confirma invariavelmente no reino animal. Muita coisa ainda não é clara na teoria da bissexualidade, e na psicanálise só podemos ver como um contratempo o fato de não se ter ainda achado conexão entre ela e a teoria dos instintos [pulsões]. (p. 71)

Mas o que parecia estar muito bem definido no início do século 20 era a linha divisória entre as ciências da natureza e as ciências da cultura (ou do espírito), gerando um ponto cego para o posicionamento crítico do cientista. Ou seja, escapava do pensamento crítico a ideia de que a cultura teria papel fundamental no engendramento das ciências naturais, assim como de que as descobertas naturalistas teriam efeitos diretos no âmbito da cultura e da constituição de suas subjetividades. Freud (1923/2011b), no entanto, ao associar o

Eu a um precipitado de identificações, invariavelmente carregadas pelos ideais da cultura, talvez estivesse atento a esse senso crítico de responsabilidade.

A psicanálise, em diálogo com a cultura, comumente cria certas imagens autorrepresentativas. Diante das questões de gênero, por exemplo, surge a figura de um grande guarda-chuva capaz de abrigar as mais diversas singularidades. O guarda-chuva seria a psicanálise. A imagem não é ruim. Mas gostaria de propor, através deste ensaio, um furo nesse guarda-chuva. Lembro, então, de um hino gay dos anos 70, “I will survive” [Eu vou sobreviver] (Gaynor, 1978), que eu traduziria de outro modo, à luz da proposta do furo: o Eu quer sobreviver.<sup>3</sup> Proponho pensarmos como a teoria psicanalítica, sua metapsicologia, pode contribuir, enquanto ferramenta, para o debate sobre as questões de gênero, mais especificamente sobre o tema das transexualidades, uma vez que esse debate recai, muito comumente, na interface com outros campos do saber.

A psicanálise já produziu uma série de frases feitas sobre esse tema. Algumas são afirmações patologizantes graves, como as que postulam que pessoas transidentitárias seriam estruturalmente psicóticas (Czermak, 1991; Millot, 1992; Safouan, 1979). Outras parecem mais sensatas, como as que ressoam que questões identitárias nada têm a ver com a psicanálise; que Freud nunca pretendeu definir o que é um homem ou uma mulher; que a psicanálise lida com os jogos e precipitados identificatórios, com a noção de identificação, e não com identidades. Diria que essa é uma boa frase feita. Eu mesmo já a utilizei em situações em que não estava disposto a me molhar: “Identidade não é tema para psicanalistas!”. E é verdade que a posição de escuta do psicanalista ocupa o sítio do estrangeiro (Fédida, 1991), está voltada ao sujeito do Ics, a esta outra cena em que os jogos identificatórios obedecem ao polimorfismo – poderíamos até dizer “ao transmorfismo pulsional” – que a teoria do sonho nos revela com clareza.

Nas artes dramáticas, as características físicas de determinada personagem são chamadas *physique du rôle*. Por exemplo, se a personagem a ser desempenhada for uma *femme fatale*, uma atriz cujo corpo não corresponda ao ideal estético de Marilyn Monroe dificilmente ganharia o papel, por mais talentosa que fosse. Diriam que ela não teria o *physique du rôle*. “É talentosa, mas... Falta o corpo.” O ideal é exigente. Em maio de 2022, Kim Kardashian, uma das celebridades mais influentes dos Estados Unidos, perdeu sete quilos de seu corpo a fim de entrar no vestido-ideal que Marilyn usou em 1962 para cantar “Parabéns a você” ao então presidente John F. Kennedy (Quem, 2022).

3 No inglês, o verbo *will* é prioritariamente usado como auxiliar, indicando ação futura. No entanto, quando usado como verbo principal, pode significar querer, desejar, almejar, estar disposto a.

Para o sujeito do sonho, o *physique* do *rôle* não é exatamente um problema. Afinal, o sonhador pode estar representado, em condensações e deslocamentos, pelas mais diversas figuras em seu sonho, figuras que independem da realidade do gênero, ou até mesmo da espécie do sonhador. Ele pode ser um lobo, um objeto ou até uma formação natural – um rochedo, por exemplo. Mas para o Eu corpóreo (o Eu da pólis) os ideais da cultura e seus *physiques* do *rôle* costumam ser um problema significativo. É por essa via que as questões identitárias entram com força na sala de análise. Contudo, mais do que aprender algo com a teoria psicanalítica, as questões identitárias podem convocar o psicanalista a uma revisão epistemológica constante, e também a uma assunção do posicionamento de sua escuta. Afinal, qual é a função desse dispositivo de escuta? É uma função adaptativa, emancipatória, crítica, afetiva, desenvolvimentista? Um tanto de cada? Qual é a finalidade de uma análise? Haveria uma finalidade, um fim, um desejo definido a ser realizado, para além do acontecimento analítico?

O mesmo Freud que orientou nossa escuta ao sujeito do inconsciente, à outra cena daquela falada pelo indivíduo, também afirmou que essa escuta “só raramente estará em posição de desconsiderar as relações do indivíduo com os outros” (1921/2020, p. 137) – “outros” que, segundo ele, podem exercer quatro possíveis papéis na vida do sujeito: objeto, auxiliar, adversário ou *modelo*. A constituição psíquica, então, é impensável em qualquer registro solipsista. E o mesmo Freud, que nunca pretendeu definir, psiquicamente, o que é um homem ou uma mulher, era um homem. Eram homens aqueles que associaram a sexualidade feminina ao “continente negro”. A feminilidade, em Freud, nunca deixou de ser um complicador para a bem-acabada teoria edípica do desenvolvimento sexual do menino, e ele acabaria recorrendo às psicanalistas mulheres para maiores elucidações teóricas nesse assunto. Ou seja, as ambiguidades e os atravessamentos entre o sujeito do Ics (do sonho, do sexual infantil) e o Eu (politicamente constituído) permeiam toda a obra freudiana, cuja epistemologia é, inevitavelmente, atravessada por questões políticas – entre elas, as questões de gênero. Portanto, estamos clínica, ética e epistemologicamente na chuva.

O caldo cultural em que Freud estava mergulhado vivia um aumento maciço do interesse pelas antiguidades. Desde 1859, quando a presença pré-histórica do homem foi estabelecida e Darwin publicou as teorias que concretizariam antigas especulações evolutivas através de escavações de restos biológicos, o casamento da arqueologia com a ciência e a história fora firmado. A ciência desenvolvida por Freud, uma ciência da memória, baseava-se tanto nos modelos espaciais de uma antropologia evolutiva quanto nos modelos temporais da arqueologia, sustentando assim a ideia de um passado estratificado do sujeito moderno – onto e filogeneticamente abordado.

Um furo no guarda-chuva, ou I will survive

Nessas bases, a mulher acabou sendo descrita por um homem-cientista como aquela que portava traços de uma fase evolutiva anterior (minoico-micênica), permitindo que ele próprio – homem – se posicionasse num estágio posterior (logo, mais evoluído) da civilização: a grega, da qual Freud extrai sua mitologia e teoria de Édipo. Assim, aquilo que era percebido como primitivo aos olhos da Europa do século 19 foi diretamente associado ao feminino, fazendo com que Édipo se tornasse o modelo do homem universal – mesmo que Tirésias e, ocasionalmente, o próprio Freud pudessem enxergá-lo como de fato era: um modelo.

Logo, ao se apoiar em tais ciências, Freud não estava apenas aplicando uma metáfora para ganhar aceitação em seus círculos científicos. Sabemos que, como o próprio Édipo, ele também temia a castração de não conseguir se tornar parte importante de uma comunidade intelectual. Desse modo, a teoria edípica pode ser lida como uma autoafirmação do homem europeu, realizada nas costas da feminilidade e do primitivo. Ereto como o solucionador do enigma da Esfinge, Freud constrói uma determinada mulher. É em “A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial” – atenção à ideia de uma possível imparcialidade – que ele escreve:

Sabemos menos sobre a vida sexual da menina pequena do que sobre a do menino. Não precisamos nos envergonhar por essa diferença; afinal, também a vida sexual da mulher adulta é um *dark continent* [continente negro] para a psicologia. Mas notamos que a garota sente muito a falta de um membro igual *em valor* àquele masculino, considerando-se inferior por causa disso, e que essa “inveja do pênis” dá origem a toda uma série de reações caracteristicamente femininas. (1926/2014, p. 164, grifo meu)

Assim, a mulher é tornada outra, transformada em uma metáfora do desconhecido, projeção colonial de uma África exótica que, quanto mais era explorada, mais misteriosa se mostrava. Um outro racializado e sexualizado, outro do homem universal que, dessa forma, se positivava. A metáfora do continente negro utilizada por Freud surge com a autobiografia do explorador H. M. Stanley, intitulada *Through the dark continent* [Através do continente negro]. Nela, o autor exhibe sua coragem diante dos muitos perigos da África para desvendar mistérios que outros homens, antes dele, não teriam sido capazes de desvendar – pois acabaram mortos. Mas seu maior objetivo não era descobrir tais mistérios, e sim se provar, sobrevivente à Medusa, autor de tais descobertas. Narrativas como essas estabelecem firmemente um Eu, do sujeito autobiográfico, como princípio organizador. Stanley, cuja origem de classe havia sido ainda mais humilde do que a revelada em sua obra, transita, através da exploração colonial, da classe do pobre para a classe

dos heróis exploradores – a mesma almejada por Freud em sua empreitada científica (Khanna, 2003).

Vamos agora a uma situação da psicopatologia da vida cotidiana contemporânea. A polêmica em torno das declarações de J. K. Rowling, a talentosa autora da saga *Harry Potter*, que basicamente giram em torno de seu incômodo com o fato de mulheres trans serem consideradas mulheres. Numa dessas declarações, a escritora afirma:

Respeito o direito de todas as pessoas trans de viverem da maneira que lhes pareça autêntica e mais confortável. Protestaria com vocês se vocês fossem discriminados por serem trans. Ao mesmo tempo, minha vida foi *moldada* pelo fato de *eu ser mulher*. Não acredito que seja odioso dizer isso. (Garófaló, 2020, grifos meus)

Muitos fãs fervorosos de *Harry Potter* se encantam com a capacidade imaginativa da autora, criadora de todo um universo mágico, com seres e feitiços dos mais fantásticos, e marcam a perfeição das costuras de seu enredo: desde o primeiro volume da saga de sete romances, o final já está traçado, e faz todo o sentido quando se revela no encerramento da trama. Tudo se encaixa. É uma história redondinha, como se diz, circular como o monótono trilho dos carrinhos coloridos do início do texto.

Em 2020, Rowling criticou a manchete de um jornal britânico que continha a expressão “pessoas que menstruam”, incluindo nessa categoria os homens trans, e também quem não se declara homem nem mulher, mas não deixa de menstruar por isso. Para Rowling, bastaria que a manchete dissesse “mulheres” e a menstruação já estaria implícita ao termo (O Globo, 2023). O que é uma mulher? Essa autora, que nos surpreende com sua capacidade imaginativa, com seus “animais fantásticos” (título de outra obra de sua autoria), talvez respondesse: mulheres são pessoas que menstruam. Ou ainda: pessoas que menstruam são mulheres. Outros poderiam discordar: não, mulheres são pessoas sem pênis. E outros diriam: não, mulheres são pessoas com vagina. Ou: mulheres são humanos que engravidam, parem e amamentam. Ou então: mulheres são *Homo sapiens sapiens* cuja genética sexual é determinada por dois cromossomos X. Mas para Rowling mulheres não parecem ser simplesmente aquelas que menstruam. Se seguirmos as declarações da escritora, veremos que, para ela, mulheres são também aquelas que constituem um grupo social que corre perigo de vida num mundo de homens violentos, pessoas que podem ser estupradas, que têm medo de andar na rua ou de serem dopadas e abusadas numa festa.

Mais recentemente, J. K. Rowling criticou uma proposta de lei escocesa que visava facilitar o reconhecimento civil do gênero de pessoas trans. A proposta liberaria essas pessoas da obrigatoriedade de análises médicas para

Um furo no guarda-chuva, ou I will survive

ter seu gênero reconhecido no papel. Para a escritora, a emenda prejudicaria “as mulheres mais vulneráveis da sociedade: aquelas que buscam ajuda depois de serem vítimas de violência sexual e mulheres encarceradas”. Ela teme que homens possam fingir que são mulheres trans para ter acesso facilitado a possíveis vítimas. Uma matéria da revista *Veja* diz o seguinte:

Apesar da proposta suspender a necessidade de laudo médico para a readequação de gênero, o processo não seria tão automático quanto as alegações de Rowling fazem parecer. No site oficial da emenda, um detalhamento explica que os candidatos seriam obrigados a viver com o gênero adquirido por um período mínimo de três meses, e, depois disso, enfrentar mais três meses de “reflexão” antes que um certificado oficial seja concedido. (Capuano, 2022)

Um certificado oficial, a ideia de um “diploma de homem ou de mulher”, e também a ideia de que uma pessoa pode fingir ser homem ou mulher, cis ou trans, seriam um brinde à comédia dos gêneros não fosse o azedume das misérias neuróticas e do mal-estar na cultura. Rowling já havia declarado seu rochedo dois anos antes. Ela afirmou, repito: “minha vida foi moldada pelo fato de eu ser mulher”. Nesse ponto, fixada por um “excesso de ser”, ou seja, moldada pelo ideal que a constitui subjetivamente, homens que menstruam e engravidam e mulheres que têm pênis causam um curto-circuito, uma falha ambígua provavelmente desorganizadora demais, um furo insustentável e insuportável no guarda-chuva-Eu da autora – um Eu que as psicanálises podem encarar tanto como soberano (a ser fortalecido) quanto como sintoma (a ser analisado), o que determina diferentes posicionamentos clínicos do analista em seu dispositivo de escuta.

E quanto à aclamada afirmação de Freud de que “anatomia é destino”? A frase aparece em dois momentos de sua obra, em diferentes contextos. No primeiro deles, em 1912, Freud recorre a ela para enunciar o fato de que a sexualidade humana não seria reprimida apenas pela cultura, mas também pela própria evolução da espécie. Em termos naturalistas, fortemente em voga no caldo cultural do início do século 20, o humano se afastaria da satisfação sexual pela via de excrementos (fezes e urina) e maus-odores corporais (anais) ao adotar a postura ereta e desinvestir as funções olfativa e tátil (em contato com o objeto) em prol da visão e da audição (à distância do objeto). Tal fato biológico e anatômico (a posição ereta) deixaria um resto impassível de satisfação para a sexualidade humana. Portanto, nesse sentido, a frase “anatomia é destino” estabelece um limite entre o homem civilizado (da cultura, condenado à insatisfação) e suas porções animais, que o seguem pressionando pela via pulsional. Freud retoma essas ideias em 1930, em *O mal-estar na cultura*, na exata nota de rodapé que mencionamos antes, aquela que indica

o borramento das concepções de feminino e masculino (mas distingue, com clareza, a cultura da natureza).

A segunda aparição da afirmação acontece em 1924, com outra função: a de explicar os diferentes modos de dissolução do complexo de Édipo do menino e da menina. Diante da visão da vulva, o menino seria tomado pela ameaça de castração, abandonando a competição amorosa com o pai; a menina aceitaria a castração como fato consumado, passaria a sentir inveja do pênis e buscaria um substituto para o pênis perdido (um bebê) – para Freud, tal diferença tornaria o Supereu da mulher mais fraco que o do homem, o que influenciaria negativamente o caráter das mulheres. Nesse texto, é evidente que Freud não estava preocupado em definir os gêneros masculino e feminino. Ele apenas desejava atravessar o atoleiro que o corpo feminino impunha à sua teoria dos complexos de Édipo e de castração. No entanto, as artimanhas teóricas acabam tendo efeito de designação cultural, senão sobre o masculino e o feminino, sobre o homem e a mulher – claro, mais sobre a mulher. No texto de 1912, Freud postula que a depreciação da mulher (enquanto objeto sensual) pelo homem participa do complexo de Édipo. Tratando a mulher como objeto inferior, o homem se autorizaria à potência sexual sem precisar carregar a culpa edípica não dissolvida. O que há de natural, biológico ou anatômico em ideias como essas?

De fato, a anatomia traz consequências psíquicas. Rowling poderia ter dito: “minha vida foi moldada pelo *fado* de eu ser mulher”. Fado, destino. Quem já teve contato com um laboratório de peças anatômicas, pedaços mortos de corpos indigentes, só poderia concordar com essa afirmação – anatomia é destino. Sendo a morte o grande fado, a equivalência entre anatomia e destino parece irrecusável. Lembro-me nitidamente de minha primeira aula de anatomia. O professor exigia respeito perante as peças, dizia serem sagradas. Mas nem a sacralização nem a nomeação científica davam conta do destempero perante a morte. Não costumava demorar muito para que as piadas surgissem, ou mesmo algumas “brincadeiras de mau gosto”, como se houvesse mau gosto maior que um laboratório de anatomia. Não era desrespeito. O humor e o sacrilégio eram uma questão de sobrevivência. *I will survive*. Mas, afinal, o que é a anatomia? Ela dá conta da natureza do corpo? Em meus tempos de faculdade, nunca tivemos contato com a anatomia de cadáveres ricos, socialmente bem alojados, com direito às cerimônias do adeus. Nunca estudamos essa anatomia, essa natureza. Lembremos que a frase de Freud se relaciona a uma frase que Napoleão Bonaparte teria dito a Goethe: “Le destin, c’est la politique” (O destino, é a política), considerando o destino não como um ponto fixo imutável (reparemos que há uma vírgula na frase napoleônica), mas como algo que vai sendo determinado pelos movimentos, e até mesmo pelos acasos,

da política. Portanto, se anatomia é destino e o destino é a política, podemos afirmar que a anatomia, e também a noção de natureza, são a política.

Então, o que é natureza? Um corpo que realiza procedimentos estéticos, que faz reposição hormonal, que clareia os dentes, que se veste, se perfuma, usa brincos e maquiagem, que usa a pedra lascada como arma e ferramenta, que constrói foguetes e viaja de férias para a Lua – é um corpo natural? O que é um corpo, na perspectiva psicanalítica do erotismo, ou do paradigma histórico que subverte o bom senso anatomocientífico? A anatomia, na psicanálise, é subvertida pelo atravessamento do sujeito pela linguagem (Schaffa, 2018). O que diz um sujeito quando se diz homem, mulher, trans, ou qualquer outro predicativo nominal, seja ele substantivo ou adjetivo? Eu sou, tu és, ele/ela/elu é... nós somos... o quê? O que a noção de Isso nos diz da posição inconsciente do sujeito perante a pólis? O que o Isso poderia nos dizer de uma suposta “natureza humana”?

“Mas a biologia existe”, alguns exclamarão. Sim, a biologia, a genética, a psicanálise – entre tantas outras disciplinas que produzem conhecimento – existem, e existem como discursos articulados ao campo político. O mesmo se passa com a natureza. Existem espécies na natureza que mudam de sexo ao longo da vida, como o peixe-palhaço. Mas antes de sabermos desse fato, foi preciso que alguém cogitasse essa possibilidade e aprofundasse sua pesquisa. Caso contrário, a biologia continuaria se deparando com peixes-palhaços machos e fêmeas, e nunca saberia que determinado peixe fêmea um dia fora um peixe macho. E antes disso foi preciso que outro alguém se interessasse pelo sexo dos peixes. Certamente são diversos os motivos que levam alguém a se interessar pela sexualidade do peixe-palhaço, e certamente nenhum desses motivos poderá ser dito *natural*. Ou é da natureza humana querer saber do sexo dos peixes? Ou das enguias? Ou dos anjos? Ou dos outros?

Foucault (1976/2013) é um autor de destaque entre os que discutem as noções de biopolítica e biopoder, e a epistemologia da psicanálise não escapa dessa discussão. Nessa perspectiva, por que seria tão importante definir com clareza se um sujeito é um homem ou uma mulher, se é cis ou trans? O roteiro é previsível: “Estou grávida!”, “É menino ou menina?” – é a primeira pergunta. O que sustenta a febre dos chás de revelação, esse curioso ritual contemporâneo, essa festa cujos ruídos intermináveis cunham a designação de gênero do sujeito (Leite, 2020)? Tomemos o caso de um jovem nascido homem, rico, branco, forte, bem-sucedido, viril, que toma doses cavalares de testosterona e não anda sem uma cartela de Viagra na carteira para se assegurar de sua masculinidade. Poderíamos chamá-lo de homem cis trans? Será que esse homem cis não estaria se transicionando em macho ao recorrer à farmacopornografia (Preciado, 2018) para se assegurar de uma identidade ideal masculina? O que haveria de natural nessa identidade de gênero? O que um sistema como o

patriarcal, ocidental, monogâmico, pós-industrial e midiático idealiza em um homem, em uma mulher, em uma criança, em uma família etc.? Que castelo de cartas é esse que vai sendo mantido por tais ideais? E como se intrincam, se engendram e se extrapolam o ideal e o sexual?

Em 2016, o antropólogo Pedro Cesarino publicou um artigo na RBP intitulado “Corporalidades heterotópicas: montagens e desmontagens do humano nos mundos ameríndios e além”. Nesse artigo, citando Viveiros de Castro, ele ressalta que a categoria *humano*, nos mundos ameríndios, remete a “tudo aquilo que se torna capaz de ocupar um ponto de vista, de se transformar em potencial enunciador, de estabelecer relações sociais que extravasam o visível” (p. 163). O autor associa os rituais e as mitologias das transformações do homem em bicho, as metamorfoses da cultura ameríndia, à obra de Preciado, e discute como as transformações corpóreas extrapolam a dicotomia homem-animal e ocupam um papel central na renovação do mundo. Segundo ele, os corpos heterotópicos se montam e desmontam como modos de conexão com uma humanidade necessariamente múltipla – modos de conexão que são incompatíveis com a invenção moderna do indivíduo autônomo, frequentemente representado pelo corpo masculino forte e de feições arianas como ideal do belo artístico e da liberdade absoluta do espírito (de acordo com a *Estética* de Hegel, segundo Cesarino). As metamorfoses daqueles que se montam em paramentos animais (assim como se monta uma drag queen) não se prestam a realçar o estilo, a personalidade ou alguma essência dos sujeitos, como se eles estivessem fantasiados. Mais do que indicar a fusão de dois corpos separados em um novo corpo individual, as montagens e desmontagens implicam outro estado de coisas, transformam o status quo e “ultrapassam as nostalgias orgânicas que confinam o problema do gênero nas estruturas do poder patriarcal” (p. 170). Judith Butler, uma das autoras mais citadas, estudadas e criticadas no debate sobre gêneros, privilegia a figura da drag queen como paradigmática da artificialidade e da arbitrariedade das identidades de gênero. A drag revela o status quo.

Agora, retomando a proposta do ensaio: e a psicanálise? Como sua teoria se articula a isso tudo? A psicanálise se funda no conceito freudiano de *Trieb*, pulsão, mecanismo que nos move à condição de deriva em relação à mãe natureza, ou a qualquer espécie de naturalidade mítica, que não aquela seccionada e forjada pela linguagem. Pulsão que se subtrai do “natural”, abrindo espaço para movimentos de satisfação sempre parciais, para a realização do desejo que, em vez de arredondar o roteiro do sentido da existência humana, o faz vacilar nas mais inacreditáveis ambiguidades do ser e do não ser. Se a pulsão move o humano em sua busca compulsiva pela natureza das coisas, algo que discuti em outro trabalho como “compulsão à naturalização” (Martins, 2021), sua categoria sexual (enquanto pulsão sexual) a remete ao desencontro com a

natureza, ao embaraço da linguagem que faz com que o corpo não se reduza à anatomia e que o sintoma não se reduza à patologia – que faz com que amor possa ser ódio, e ódio, amor. Um sexual diverso e transmorfo. Como bem representam os seres fantásticos da ficção, a natureza fala, o corpo erógeno fala através de seus sintomas, e é falado, designado (Laplanche, 2015), performado (Butler, 1990/2014). Ou então *per-formado*, muitas vezes ditado (no sentido de uma ditadura dos gêneros) por um sistema político-afetivo de significações simbólicas e imaginárias, os ideais, que quando excessivamente positivados (ou seja, quando desprovidos da marca do negativo) tornam-se ferramentas de repressão social ou de opressão. “Homem é isso, mulher é aquilo, e não se fala mais nisso.”

Žižek costumava fazer uso de uma anedota para tratar do valor libertário desta marca do negativo, o “sem” do “café sem creme”. Quando o cliente pede um café sem creme, e o garçom diz “Não temos café sem creme, mas temos café sem leite”, nada se altera objetivamente. Em ambos os casos, o café estaria puro. Ao mesmo tempo, o negativo da linguagem (esse “sem”) faz com que não possamos nunca mais equivaler um café sem creme a um café sem leite. O café perde assim sua natureza. Num livro chamado *What is sex?* (2017), a filósofa Alenka Zupančič retoma essa anedota para argumentar sobre o caráter sexual da linguagem, sendo esta – a linguagem – responsável pelo que a autora chama de *ontologia negativa* do ser desejante, e portanto falante, que é o humano. Uma ontologia em descompasso com a natureza – logo, com quaisquer pretensões de um essencialismo das coisas. Apesar disso, os curiosos querem saber o sexo dos peixes e dos anjos, querem definir a natureza humana em milhares e milhares de teses que buscam estabelecer, por exemplo, se o ser humano é monogâmico ou polígamo por natureza. As perguntas nos movem, são mais do que imprescindíveis. Mas volto à questão: em nome de que elas são feitas, quando o são?

Em *O Eu e o Isso* (1923/2011b), Freud posiciona o Eu como um pobre coitado em busca de alguma possibilidade de síntese entre as demandas do Isso, do Supereu e do mundo externo. Se retomamos a imagem do grande guarda-chuva, diríamos que o Eu (homem, mulher, cis, trans, ou seja lá o que o Eu se disser – ou for dito – nesse precipitado de identificações que o forma) está sempre em meio a uma tempestade, tentando não se molhar, com um guarda-chuva furado nas mãos. O Eu-psicanalista, obviamente, não estaria em situação diferente no campo transferencial de seu dispositivo clínico, ou melhor, em sua contratransferência.

Para concluir, talvez a contribuição mais valiosa que a psicanálise possa oferecer às questões de gênero seja o caráter sexual de seu método (e de suas teorias), uma psicanálise sexual implicada na escuta radical do outro naquilo em que ele difere de si mesmo, sempre na corda bamba entre a singularidade

e a coletividade, dispondo seu sujeito (não indivíduo e não individual, ou seja, dividido – ou furado – e grupal) à infamiliaridade de sua própria fala, às ambiguidades que o constituem psiquicamente, sem intenções de explicá-lo ou de defini-lo, de modo que ele possa se movimentar em sua vida, em seus grupos, apesar do bambeio da corda, sem que as fixações sejam tão requisitadas como pontos de abrigo. A rede teórica que protege o analista em suas quedas (mas não das quedas, que são inevitáveis) só é rede se também tiver seus furos; é rede sem fim (finalidade), e justamente por isso pode também se movimentar e se sujeitar às revisões epistemológicas que o transmorfismo das sociedades humanas exige dela – como propõe Paul Preciado em seu manifesto *Eu sou o monstro que vos fala* (2020). Etimologicamente aliás, segundo Cesarino (2016), monstro é o que demonstra um determinado estado das coisas.

Se um homem pode ser uma mulher, e uma mulher um homem, é porque, de fato, não há substância alguma nessas categorias, nenhuma essência. Portanto, pergunto: caberia à psicanálise mitificar substâncias psíquicas (no mesmo modelo dos marcadores cerebrais) que dessem conta desse furo no guarda-chuva? As formações do inconsciente, com suas marcas e fixações diante das vicissitudes da vida pulsional, já não criam fronteiras suficientes ao campo do desejo, mais ou menos aprisionantes para o sujeito psicanalítico (subjetividade engendrada pela cultura psicanalítica)? Penso que a radicalidade do método psicanalítico está na sustentação desse furo, dessa ambiguidade promovida pela palavra, para além dos ideais culturais e dos jogos políticos de poder que constituem nossos sintomas, nossos Eus, e que, precisamente por isso, não podem escapar dos divãs.

Quer o psicanalista queira, quer não, as transferências o fazem queer, o fazem trans, e se suas próprias resistências não forem rígidas demais, ele/ela/elu poderá retomar a disco music e refletir, dançando:

At first I was afraid, I was petrified ... but no  
 Not I, I will survive  
 Not I, I will survive  
 Not I, I will survive  
 (Gaynor, 1978)

De início, Eu estava com medo, Eu estava petrificado ... mas não  
 Não Eu, Eu vou sobreviver  
 Não Eu, o Eu quer sobreviver  
 Não Eu, o Eu vai sobreviver

Nós forjamos a cultura que nos forja. *We will survive.*

### Un agujero en el paraguas, o I will survive

Resumen: El autor se basa en la idea de que forjamos la cultura que nos forja. Con un enfoque crítico, histórico y epistemológico, y partiendo de una actitud clínica hacia la vida cotidiana y la escucha de los gritos de la cultura contemporánea, busca identificar cuál sería la contribución metapsicológica realmente significativa para las discusiones actuales sobre la identidad, el género y, sobre todo, las transidentidades. En la misma línea, explora cómo estas discusiones interpelan al psicoanalista en sus dispositivos teóricos y clínicos, y en su posicionamiento ético ante el sujeto engendrado por la propia cultura psicoanalítica – el sujeto psicoanalítico. De este modo, privilegia lo sexual como un aspecto cualitativo de la noción de pulsión, entendida como una lámina capaz de desplazar la dicotomía cultura-naturaleza más allá del paradigma naturalista inaugurado en el siglo XIX, convocando al psicoanálisis – como ciencia apoyada en dicho paradigma – a recostarse en su propio diván y a lidiar con lo sexual en sí y con el ámbito político en el que participa.

Palabras clave: sexualidad, género, cultura psicoanalítica, política, identidad

### A hole in the umbrella, or I will survive

Abstract: The author bases his argument on the idea that we forge the culture that forges us. With a critical, historical, and epistemological approach, and starting from a clinical attitude towards everyday life and listening to the cries of contemporary culture, he seeks to identify what would be the truly significant metapsychological contribution to the current discussions regarding identity, gender, and especially trans identities. Along the same lines, he explores how these discussions challenge the psychoanalyst in their theoretical and clinical frameworks, and in their ethical positioning towards the subject engendered by the very psychoanalytic culture – the psychoanalytic subject. Thus, he prioritizes the sexual as a qualitative aspect of the notion of drive, understood as a blade capable of displacing the dichotomy of culture-nature beyond the naturalistic paradigm established in the 19th century, calling on psychoanalysis – as a science grounded in such a paradigm – to lay down on its own couch and to engage with sexuality itself and the political field in which it participates.

Keywords: sexual, gender, psychoanalytic culture, politics, identity

### Un trou dans le parapluie, ou I will survive

Résumé : L'auteur part de l'idée que nous forgeons la culture qui nous forge. Avec une approche critique, historique et épistémologique, et en partant d'une attitude clinique envers la vie quotidienne et l'écoute des cris de la culture contemporaine,

il vise à identifier quelle serait la contribution métapsychologique réellement significative aux discussions actuelles concernant l'identité, le genre et, surtout, les transidentités. Dans le même sens, il explore comment ces discussions interpellent le psychanalyste dans ses dispositifs théoriques et cliniques, et dans son positionnement éthique envers le sujet engendré par la propre culture psychanalytique – le sujet psychanalytique. Ainsi, il privilégie le sexuel comme un aspect qualitatif de la notion de pulsion, comprise comme une lame capable de déplacer la dichotomie culture-nature au-delà du paradigme naturaliste instauré au XIX<sup>e</sup> siècle, appelant la psychanalyse – en tant que science fondée sur ce paradigme – à s'allonger sur son propre divan et à traiter avec le sexuel en soi et avec le champ politique dont elle fait partie.

Mots-clés : sexuel, genre, culture psychanalytique, politique, identité

## Referências

- Butler, J. (2014). *Problemas de gênero* (R. Aguiar, Trad., 7<sup>a</sup> ed.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Capuano, A. (2022, 8 de março). A nova polêmica de J. K. Rowling envolvendo pessoas trans. *Veja*. <https://tinyurl.com/ykmsfy32>
- Cesarino, P. N. (2016). Corporalidades heterotópicas: montagens e desmontagens do humano nos mundos ameríndios e além. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(2), 157-175.
- Czermak, M. (1991). *Paixões do objeto: estudo psicanalítico das psicoses* (A. I. B. B Paraguay, Trad.). Artes Médicas.
- Fédida, P. (1991). O sítio do estrangeiro. In P. Fédida, *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica* (M. Gambini & C. Berliner, Trads.). Escuta
- Foucault, M. (2013). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trads.). Graal. (Trabalho original publicado em 1976)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011a). A dissolução complexo Édipo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 203-213). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011b). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2013). Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 9, pp. 347-363). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 17, pp. 124-230). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

Um furo no guarda-chuva, ou I will survive

- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *O mal-estar na cultura e outros escritos* (M. R. S. Moraes, Trad., pp. 137-232). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1921)
- Garófalo, N. (2020, 10 de junho). Warner se manifesta sobre polêmica de J. K. Rowling. *Omelete*. <https://tinyurl.com/33mewc4f>
- Gaynor, G. (1978). I will survive [Música]. In *Love tracks*. Polydor.
- O Globo. (2023, 17 de outubro). Autora de “Harry Potter”, J. K. Rowling gera revolta por propagar transfobia nas redes. *O Globo*. <https://tinyurl.com/2s4fwe7p>
- Khanna, R. (2003). *Dark continents: psychoanalysis and colonialism*. Duke.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano* (M. Marques & V. Dresch, Trads.). Dublinense.
- Leite, R. L. (2020). Os ruídos intermináveis da festa: capital mito-simbólico e designação de gênero. *Calibán*, 18(2), 136-147.
- Martins, E. S. T. (2021). Diverso, transmorfo: o sexo que não é. *Jornal de Psicanálise*, 54(100), 33-50.
- Millot, C. (1992). *Extrassexo: ensaio sobre o transexualismo* (M. C. Marcondes & N. L. Barbosa, Trads.). Escuta.
- Preciado, P. B. (2018). *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (M. P. G. Ribeiro & V. D. Fernandes, Trads.). N-1.
- Preciado, P. B. (2020). *Yo soy el monstruo que os habla*. Cuadernos Anagrama.
- Quem. (2022, 3 de maio). Kim Kardashian perdeu 7 quilos para caber no vestido de Marilyn Monroe no Met Gala. *Quem*. <https://tinyurl.com/wtm53rwa>
- Safouan, M. (1979). *Estudos sobre o Édipo: introdução a uma teoria do sujeito* (A. S. Styzei, Trad.). Jorge Zahar.
- Schaffa, S. L. (2018). Intimidade e diferença sexual: a propósito de um caso de intersexualidade. *Calibán*, 16(1), 120-121.
- Zupančič, A. (2017). *What is sex?* MIT.

Recebido em 15/5/2025, aceito em 1/10/2025

Eduardo de São Thiago Martins  
dr.eduardostmartins@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n4.17